

O MERCADOR.

FOLHA COMMERCIAL E NOTICIOSA.

..... Nam quis inique
Tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se?
JUV. SAT. 1 v. 30 e 31.

Quem, tendo ainda tempera de ferro
Pode mudo ficar, vendo, e soffrendo
Tantos tratantes, bandalheiras tantas?

Publica-se aos domingos na typographia de J. J. Lopes, — rua da Trindade n. 1. — onde se subscreve a mil reis por serie de doze numeros, pagos á vista; folha avulsa 120 reis.

1.ª Serie.

Desterro. — Domingo 30 de Outubro de 1861.

N. 9

O MERCADOR.

Avante!.. avante!.. dissemos nós ao concluir o nosso artigo do n.º antecedente, e acrescentamos que o negocio era de VIDA OU MORTE; agora reiteramos essas nossas palavras nascidas do intimo de nossa consciencia. E porque não iremos as do cabo?!... Haverá por ventura quem ouse embarçar-nos de proseguir?..

Não, não o supponmos nem por um momento sequer. Que trez Negros tenham o desaforo, o desavergonhamento de insultar-nos, de cobrir de asquerosas injurias, de epithetos infamantes, que levem de rastos pelo lodaçal em que chafurdão a honra e a reputação de nossos amigos, e nós... nós que só atiramos á essa cafila de abjectos salteadores as verdades descarnadas, nuas e cruas, havemos de ser embarçados em nossa justa repulsa á esses desaforos?!..

Animo, companheiros!.. nada de acobordar! Se ha direito para fazer-nos emmudecer, tambem o ha para fazer emmudecer aos trez NEGROS, que por ali vagão ensuflados pela canalha, por essa corja de larapios.

Se estão no auge do seu furor, do desespero, tenhamos nós resignação e constancia para rebater-lhes os golpes com toda a energia, mas com calma e sangue frio. Deixemos que esses miseraveis se exgotem. O Mercador sempre prompto a hora promettida, exporá todos os artigos de seu commercio ao consumo do publico: elle que lhes dê o grão de

valor que julgar em sua inalteravel e sa consciencia.

Dice.

O Garnizé está damnado por se lhe dizer as verdades; convem cortar-lhe a cristasinha para moderar um pouco, não ser atrevido, desavergunhado e patife. Em que se fia o Garnizé? quaes os predicados que tem para não levar vergalhada velha tocada por dous cangueiros?

Ainda lhe comendo o corpo; pois não supponha o Garnizé, esse figurinha ratona eminente trampolineiro que está livre do chicote; tenha cuidado, não se metta a valentão, fiado nos seus negros, que pode quando menos pensar, ficar com a roda de prôa em estilhas.

Cada um dá o que tem.

O auctor dos versos que com elles bem ornou o parco livro do—NEGRO, ultimamente publicado, quiz dar á alguém aquillo de que esta farto; mas ninguém quiz, porque cá não se está costumado a aceitar coisas que só pertencem á GARNIZÉS e ao seu rancho. Poder-se ia retribuir com as mesmas expressões de que se servio o auctor de tão sublimes versos, muito conformes com o seu character de perfeito maleriado; mas não se o fará por consideração ao publico, que a pesar de estar enjoado de ver tanta cousa, que repugna ao bom senso, todavia poupal-emos de ter o dissabor de ver exposto ao consumo esse genero corrupto,

dade desse, cheio de asquerosidades. O auctor desses versos á que nos referimos bem sabe do adagio: — quem diz o que quer, ouve o que não quer.

O GARNIZÉ

FAZENDA LEGITIMA.

Um amigo, destes q' têm uma memoria tao feliz q' se lembrão do q' fizeram quando engatinhavam, contou-me uma historia mui interessante, passada com o nosso senhoria de JURE e tenente coronel duas vezes, e não sei q' mais, e o estudante Figueredo vindo a esta capital em uma escuna de guerra de q' era commandante o então tenente J. J. I. que deo a costa em Santa Martha; e vem a ser, pouco mais ou menos, a seguinte:

Teve o nosso de JURE ciúme de Figueredo, e n'um Domingo em que lhe passava pela porta (na rua do Vigario) jogou-lhe chalaça, e foi seguindo pela rua da Tronqueira. Foi-lhe na pista o bom do Figueredo, que não era de graças, e perante um auditorio numeroso, sapateou-lhe um fandango nas ventas, de cujo compaço até hoje se ha de bem lembrar o nosso DUAS VEZES.

Será isto verdade? Costa a crer que um militar deixe assim rufar tambor nas bochechas, mas tem-se visto tanta cousa!...

Foi por esta alhada que n'aquelle tempo, certa pessoa que hoje já não existe, mimoseou o nosso de JURE, BIG DINHO EM GUIO DE RANHO PENDENTE, PERNINHA AFIANDRADA, com o acrostico seguinte:

Tem tomado por costume
Negociar em pasquim
Tem as calças cõr de esturmo
Vagueia por toda a praça
Itóé os dedos pelo cume
Leva socos por chalaça.

Este mesmo amigo contou-nos mais o episodio seguinte da vida do mesmo honrado e brioso militar, hoje tão soberbo de honras e gloria, e tão cheio de presumpção, e toleima, e que não perdoa a menor falta nos seus subordinados, relativamente ao tratamento á que elle se julga com direito, e de que não prescinde.

Era elle então segundo tenente; mas entendendo que um militar do seu merecimento e valia não devia estar em um posto tão baixo, juntou mais um galão á sua farda, e ostentava de primeiro tenente—. Houve porem um *capote* que não pôde tolerar a impostura, e deo com a lingua nos dentes, apresentando isso em um jornal como um lembrete que despertou a curiosidade do presidente da provincia, o qual mandando chamar o tenente inspostor, fel-o tirar o galão roubado, e voltou ao que dantes era—ficou como a gralha da fabula.

Ha por ali muita gente que se lembra disto, e que sabe que o tenente coronel duas vezes, foi tambem duas vezes primeiro tenente, sendo uma falsa e outra verdadeira.

BARRELLADA.

Senhor Mercador, á postos
Ponha a gente caxeiral;
Abrao com geito o fardinho
De mercancia real.

Tem fazenda de bom gosto
(Garibaldina, Papal)
Fina, duravel, boa
Que outra não ha igual.

Ha plumas, dragonas, banda,
Espada, chapeo armado,
De tenente coronel
Um fardão agaloado.

Tudo novinho do trinquê,
Por gosto se pode vêr;
Sao objectos de gosto
Não custarão a vender.

Poucas vezes foram vistos
No corpo do coronel
E lhe ficam tão justinhos
Como selim em corseil.

Só em dias de cortejo,
Ou nas de grande parada,
Deslumbante como o sol
Sae toda a farfalhada.

Não se assenta, não se encosta
Quando os veste o coronel,
Para não manchar o brilho
D'esse falso ouropel.

Depois de as haver mostrado
O militar paspalhão,
Escovados, bem dobrados,
Os guarda em um caixão.

Assim é que longos annos
De bons serviços contando
Sem mancha, nodoa ou pitafe
Vão servindo, vão durando.

E não precisão
Barrella ou sabão;
Os compra qualquer,
Por novos que sao.

E' DE MESTRE.

Querem os nossos consumidores
ver uma novidade?... Eil-a:

Um freguez da Faxina que aqui esteve dice nos que á alguns annos no trapiche da alfandega dos—Santos—foi desembarcado um grande caixão transportado do Rio de Janeiro em um navio, de que não estava certo do nome, e casualmente desprendeo-se do caixão uma das taboas do tampo.

Os abelhudos que por alli andavão quizerão logo dar fé do conteudo, mas um dos empregados, procurou collocar a taboa no seu lugar e nesse acto observou que alguma cousa se mechia entre as palhas. Foi chamado o feitor conferente, e após elle outros empregados se accumularam em roda do caixão, e todos anciosos por verem o que de mysterioso continha. — E' um contrabando!... diziao uns. Não é contrabando!... diziao outros... E' bicho medonho!... dizia este muito espantado. E' um jacaré!... dizia aquelle.... Finalmente, disse o feitor conferente: vejamos o que ha neste volume.

Dito e feito. Tirou-se o resto das taboas do tampo e eis que d'entre as palhas salta um asqueroso Gambá! Tenta fugir, mas os circumstantes atirão-lhe varios laços e colhemol... examinadas as palhas que ficaram no caixão, derão com uma quantidade de livros de subido valor que

o — gatano — haviar roubado de uma bibliotheca da corte! !....

Deveria ter sido bem sapecado porsesse procedimento indigno, porém não o foi por ter-se soccorrido dos estratagemas e labias mui proprias dos ladrões.

Tanto choramigou, tanto se arrastou pelos pés dos empregados, que carregou com o roubo; e lá se foi serra a cima com a preza !.... Que larapio! que infame salteador!... que asqueroso animal !!!...

Com taes proezas tem o bicho de orelha em pé, conseguido viver entre pessoas honestas que o têm supportado, já alli, já aqui, e mais tarde, será acolá & &.

Isto não é um conto, disse o freguez da Faxina, é uma historia verdadeira, que por muito tempo foi repetida em alguns circulos na Faxina.

O' lá, rapazes! Arranjem este fardo, cosao-no com linha forte, apertem bem, ponhão-lhe marca B A. e remetão a esse cachaceiro sem vergonha, larapio mór.

Methamorphoses.

XICO MADUCA GAMBÁ D'ALMADURA.

- Poetas! amanhã ao meu cadaver
- Minha tripa cortai mais sonora! ..
- Fação d'ella uma corda, e cantem nella
- Os amores da vida esperançosa!

Cauçado da minha impostura,
Curvado aos remorsos
Corri os olhos e espichei o corpo,
E a morte me levou p'ra eternidade.

Eis-me emfim da existencia na crysalida
Que é este escuro e bem mesquinho nicho;
E calouro dos mortos já me occulto
Entre bichos mettido como um bicho.

Vou tornar-me flôr ou ser um grillo
A's idéas conforme de Anáxagoras;
Ser seringapatão, burro ou frade,
Si ha verdade nos ditos de Pythagoras.

Na camisa de Nesso amortalhado
Sinto que vou p'ra o céu, pois sinto frio:
Si é isto que nos causa tanto medo
Não ha vida melhor que ser vadio.

Na porta escura que marcou o mundo
Qual Anjo dos Hebreos, com uma cruz,
Entre e fiquei emparedado
Até que cheguei ao alcaçar da luz.

Mascarado de cal como uma estatua
Para defuntos sirvo de modelo:
Só não estou bem do estomago p'ra cima
Temo o diabo vindo em pesadêlo.

Da coruja acompanho a gargalhada
Tendo meu corpo envolto em porca lama:
Este cranio thuribulo da poezia
Quando pensei que brotaria grama!

Minha boca areada, e vasculhada
Parece um sumidouro de agua choca

Nem ao menos servia p'ra sarabulho!
Meu coração, palhoça de minhoca.

Faz-me mal o JEJUM: arroto a TRIPAS,
De santo o passamento é bem mesquinho
Nem mais bolo de mel, tenho saudades
Do cigarro, café, doce e toucinho.

Tenho consciencia que meus versos
são bons; e poriso não continuo...
Si quando passo alguma tremenda des-
compostura nos meus inimigos (e é o
genero humano) me sirvo da prosa, é
porque poesia é ouro, e nós nem sem-
pre o temos. Eu quiz pôr algumas notas
explicativas, mas para que ? !

Não sabem que quando fallo em co-
ruja, que é o meu pão quotidiano ! Que
se me faz mal o JEJUM é porque é feito
com bananas! Que os bolos de mel erão
aquelles que certas mulheres beatas
me davão em bons tempos ? ! Que o
cigarro, e café toucinho são RECORDAÇÕ-
ES DE VIAGEM por esse pitoresco S. Pau-
lo, onde deixei meu nome immortalis-
sado ? ! O que mais deve adinirar ao
consumidor das mercadorias é o eu
ter-me mettido entre os bichos, como
se meu nome não ba-tasse para demons-
trar palpavelmente que o sou de facto,
e que muitas vezes me tenho alimenta-
do de carne humana; mas seja dito
em confissão publica, para desconto
de meus muitos e grandes peccados,
isso tem acontecido porque sou de tal
natureza que —

Quando falla a paixão
Inmudeee a razão.

Soneto.

D. O. G.

ao sabio de orelha em pé, cuja versatilidade
e honradez são muito conhecidas como
inabalavel esta como constante aquella,
em signal de profundissimo medo de seu
GENIO iracundo.

Versado em trampolina, audaz na intriga
Plagiarlo sem decencia e descarado
E' este um tal bandalho muito ousado
Que com a honra e com a fama ali profliga.

Sem consciencia, a fé tem na barriga
Corta do alheio, escreve disparatado.
Obra a que chama sua enamorada
De si morde o (Camões e gente antiga) ! ! !

Não só das SACRAS filho publicista
Se inculca este fôfo papelão
Levando sempre n'isto GOISA EM VISTA.

Sordido lisongeiro — Fanfarrão:
Tem fumaças do sabio, mas grão copista;
Eis escripto o Gambá velhacão.

Soneto.

Dedicado ao Ill.^{mo} Sapientissimo e Devotissi-
mo Dr. Frei Manoel Raposa Moscardo de
Pica Burricos.

Feliz, oh Manoel ! TALENTO immenso ! !
Possuis pergaminhos já sem conta...
Nem soffras no Destino, o odio, afronta:
Que tu és um genio raro, assim o penso ! ! !

Nunca aos sabios lançou-se tanto incenso ! ! !
Teu nome a velha historia alli o aponta ! ! !
E melhor do que tu inda não consta...
Quem á loucura houvesse tão propenso ! ! !

Trezentos furos tens ! ! ! irra DOUTOR (2). . .
A cima ? ! ! . . . em orgulho, vaidade, mesmo
(sandice ? ? . . .)
Queimaste só o nardo em teu louvor ! ! !

Nunca junto se viu tanta tolice ! ! ! ! !
Não tens, marao, imitador.
Supra summo de toda a parvoice ! ! ! ! !

Ha muito, Sr. GAMBÁ,
Não conversamos um pouco,
Por dizerem q' era asneira
Dar troco a quem é louco.

Mas eu que não clasifico
De loucura ou arrogancia
Gritar quando se tem fome
Descompôr quando ha ganancia;

E que não como araras,
Nem carapetões engulo,
Cantar-lhe-ei a muriana
Em quebrado verso chulo.

Grite pois até cançar,
Mate a sede de vingança,
Dê gostinhos a canalha,
Q' em paga lhe enche a pansa;

Mas sentido não esbarre
Com as ventas no munturo;
Cuidado com as pitadas
Nao lhe suba ao caco o esturro.

De socos bem repuchados
Boa dose já chuchou;
E da dor e da vergonha
Nem a botica o salvou.

Talvez mesmo a sorrelfa
Se rissem da brincadeira;
E lá com sigo dicessem
—Que bem feita maganeira.

Tome pois o meu conselho
Deixe a vida de tratante;
Trabalhe se quer comer,
Sem vergonha, petulante.

Trate bem sua mulher,
Seu filho eduque bem
Dê-lhe exemplos de moral
Dê-lhes que comer tambem.

Não consinta que mendiguem
Pao q' os outros trabalharão,
Nem que aproveitem os restos
Que famintos cães deixaram.

Cumpra o santo matrimonio,
Não perva a innocencia;
Deixe a vida de bandido,
Não me gaste a paciencia,

Tome juizo e vergonha
(S'inda é possivel havel-o)
Quando não na correicção

Dá-se o methodo mnemonico a
quem adivinhar.

Descarado, sem vergonha,
Ente abjecto, vil, infame !
Figura feia e rata
Assim pintão o tal tratante.

OUTRA

Offerece-se a quem adivinhar a no-
va grammatica mnemonica com
os titulos falsos.

Natoneiro sou chamado,
Aguardente sei beber.
Para ser atrevidago
Ouro me dao p'ra comer,
Socos na cara preciso
Até mais não poder . . .

Maluco me chamão
Arro burro !. me dizem,
Cachorro e ladrao;
Homem vil e farfante
Os moleques me gritão.

A'o 1.º Adjunto do—MACHO
Contra meu pai já jurei,
Até me custa a crér ! . . .
Verdugo ser já tentei
E de quem me deo o ser !
Ingrato sempre serei
Rabiscando para comer
Todos insultarei.

Ao 2.º Adjunto do MACHO
Cara tenho estanhada,
Zos desaforos sou mestre,
Tenho gôgo na garganta,
Orelhas sempre em pé,
Na boca tenho patranhas
Innovações terriveis,
Com as minhas artimanhas
Os meus feitos são horriveis—

Ao 3.º Adjunto do MACHO
Sirvo com gosto
Em casa do—MACHO
Recho no lodo,
Carrego estrume,
Horas mortas
Bato-lhe à porta
Esfrego os olhos
Teio do NEGRO o livro,
Tambo-lhe os pratos
O todo do lazaro.

Não é de engeltar.

Diz o mundo, diz a fama,
Q'um mao filho, mao esposo
E' quem move toda a guerra
Coloiado com o TINHOSE.
Fornecem apontamentos
Para o gambá-descompôr
Este com as costas quentes
Nada lhe mette pavor. . .

Que trempe, que três damnados,
Que patifes, que tratantes,
Que perversos sem vergonha,
Q'impostores, q'ignorantes ! . . .

Oh ! quem jámais pensaria
Que o roxiquiro burro,
Palhaço desageitado,
Contra nós soltasse o zurro !

E quem dizer ouzaria,
Que o sem cabello Barão
Nas albeias consciencias
Metteria sua mão ! . . .

Oh ! que'o mundo está perdido,
E' dos tratantes a quadra ;
Todos se julgaõ senhores,
E qualquer cãosinho ladra ! ! . . .

Meu honrado Mercador,
Tenha de nós piedade,
Chicote nesses bandidos,
Sem dô nem humanidade,

Fogo nelles q'eu ajudo,
Conte comigo tambem ;
Para uns pancadaria,
E para outros desdem.

O GARNIZÉ E O GAMBA'.

(Continuação do n. 8.)

GARNIZÉ—O nosso incansavel amigo Joao Fernandes, que esperava effectuar uma vantajosa transacção, e por isso tanto se cançou para o triumpho que tivemos em S. Miguel, nada conseguiu, recusarão os adversarios entrar na menor transacção e por isso o negocio não vai bem....

GAMBÁ—Ha de ser muito engraçado, ter-me compromettido com os homens do partido contrario, estar endividado até as cabellos, e levar com a—taboa—!

—Pois o que quer, meu amigo, é sorte da guerra—não podem dous combatentes vencerem; por força que um ha de perder....

—Isto diz V. S. agora, que no principio blasonavão de terem a maioria dos eleitores por contarem infallivelmente com grande n.º de votos dos eleitores do lado contrario....

—Já lhe disse, qual o motivo porque contavamos com a maioria: as nossas esperanças estavam no arranjo projectado pelo Joao Fernandes. Comtudo, o caso não é ainda para desesperar....

—Pois, meu amigo, já tenho feito o meu calculo, e dispostos os meus negocios de modo que, conhecida a derrota da gente á quem tenho servido até o presente sob promessa de fazerem-me reeleger deputado provincial, anoiteco e não

amanheço; vou dar com o canastro na Bahia. Lá recomçarei a minha peregrinação; quando não puder estar na capital, caminho para o centro, que é vastissimo; exercitarei as minhas industrias, com as quaes tenho vivido....

—Não desanime, meu amigo, tenha coragem, pegue-se com algum Santo de sua devoção, para que proteja a nossa causa, que só assim poderemos ajudal-o a ressarcir esses prejuizos de que, com toda a razão, se queixa. Só na primeira sessão tera por conta uns 600 e tantos a fóra o que poderemos arranjar-lhe para sustentar a nossa BULHANTE ESTRELLA.

—Deos o ouça, porque não tenho vontade de sahir desta boa terrinha; das muitas por onde tenho andado, não me lembro de ter passado tão bem, e adquirido tão grande importancia, como aqui. . . .

—E pode contar com a minha... boa vontade, por que sou seu amigo, e tenho desejos que V. S. aqui se conserve; carecemos muito dos seus serviços.

—Eu sou que lhe devo, Sr. Garnizé, tambem posso dar-lhe um juramento que o tenho estampado no meu coração. Em V. S. confio o meu porvir... Ah! meu amigo do coração! se nós pilhmos nas nossas queridas vinte cadeiras, muito é que havemos de fazer....

—O'lá se havemos! morra quem morrer, havemos de trabalhar para arranjarmo-nos em algum emprego; já basta de roer as unhas. . . .

—E eu, meu amigo! nem unhas já tenho para roer !... Estou formulando um projecto para a criação de um estabelecimento pio do qual pretendo ser(contando desde já com a valiosa protecção de V. S. e dos amigos) o provedor ou director...

—Talvez nesse mesmo estabelecimento eu me arranjo como secretario, thezoureiro, ou cousa que o valha, com tanto que renda boa XELPA.

—Disso pode estar seguro; pois que já calculei não ser a despeza com o pessoal menor de 9 á 10 contos por anno, a saber :

Provedor	1:800
Thezoureiro	1:500
Secretario	1:200
Dous officiaes da secretaria a 800	1:600
Um porteiro	600
Um continuo	360

Gratificações.	
Ao Provedor	600
Ao Thezoureiro	500
Ao Secretario	500
Ao porteiro	300
Aos dous officiaes a 300	600
Ao continuo	150
	2:650
	9:710

E que tal?... acho que não ficará descontente....

—Pelo contrario, vai muito bem cá para o nosso arranjo.

—E poderemos contar com os amigos ? . . .

—Tudo se ha de arranjar; tomarmos nós cá os votos, de modo que possamos contar com a maioria, porque o resto fica por minha conta; os meus serviços prestados ao partido e contra o meu parente, não podem deixar de ser attendidos; e os de V. S. hao de ser por ventura desprezados! . . não é crível

—Deos o ouça, meu amigo! nunca tive tantas esperanças de me arranjar como agora.

—Deixe estar que Deos nos ha de proteger. . . Adeos, que vou a audiencia; vão sendo horas, e eu devo me achar lá antes que o juiz se apresente; quero vêr se converso com o escrivão, cá para certo arranjo; quando elles querem servir a gente, valem muito os seus serviços. —Pois bem, Snr. Garnizé, que seja feliz e quanto lhe desejo.

AO HOMEM DOS CAVALLINHOS.

AMADO sempre fui
De pretos e mulatas,
A' rua do Vigario vou
A noite sem sapatos.

JOVIAL, não se falla
Quando estou com a crioulada,
Veio-me dinheiro da costa
Para muita patuscada.

PRAIEIRO tambem sou
Pois a noite vou a praia,
Esperar pelo despejo
Q' faz a gente de saia.

Está cahido o Gambá!
Todos sabem o q'elle tem,
Quer pagar á seus obreiros,
Mas não avesa vintem!!!. . .

Fingindo-se adoentado
Despedio quantos lá tinha,
Tapou a porta da furna,
Escondeu-se na cosinha !!!!!!!